

## MULHER NEGRA DE PELE CLARA OU MULHER BRANCA DE PELE ESCURA? TENSIONAMENTOS, NEGOCIAÇÕES E DISPUTAS DE VERDADES NA CONSTITUIÇÃO DE UMA YOUTUBER NEGRA

**Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira** – pamella\_rochele@hotmail.com  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil,  
<https://orcid.org/0000-0003-3315-659X>

**Francisco Vieira da Silva** – franciscovieirariacho@hotmail.com  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, UFRSA, Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva analisar os tensionamentos e as disputas de verdade que perpassam o processo de constituição das *youtubers* negras, tendo como materialidade selecionada o vídeo “Sobre ser negra”, do canal Rayza Nicácio, que será analisado a partir da perspectiva teórica-metodológica da Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente dos postulados foucaultianos. Para tanto, procuramos realizar uma articulação entre os estudos foucaultianos e os estudos étnicos-raciais, posicionando o campo da negritude na grade de inteligibilidade da governamentalidade, com o intuito maior de perceber as formas de governo de si e os modos de subjetivação da mulher negra contemporânea, verificando a produção e mobilização dos discursos que a atravessam no âmbito do *YouTube*. O que acaba por evidenciar um recorrente racismo que incide sobre a mulher negra e seu corpo, através de uma tentativa de embranquecê-lo ao máximo possível, negando e, por vezes, invisibilizando os principais aspectos constituintes da negritude, questões que ocorrem por meio e em meio a complexas relações de saber-poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relatos de si; Modos de subjetivação; Governamentalidade; *Youtuber* negra.

*Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão. Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação. Navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador, falharam na missão de me dar complexo de inferior. (Yzali)*

*Apesar do orgulho visível em meus olhos, sentia uma força agindo sobre mim que muitas vezes me impedia de falar ou existir plenamente em alguns espaços. (Djamila Ribeiro)*

### 1 INTRODUÇÃO

Os sujeitos contemporâneos habitam um mundo cada vez mais virtualizado, em que as relações humanas e os modos de subjetivação passam a ser produzidos em meio a uma rede complexa de *pixels*, presenças e ausências. Nesse movimento em que os mundos *online* e *off-line* se entrecruzam, muitos sujeitos e pautas, por vezes silenciados, passam a ganhar espaço, exibindo suas existências e particularidades para todos que estão conectados à rede. Em meio a essa realidade, pode-se observar de maneira crescente uma reconfiguração da antiga prática da confissão, abordada por Michel Foucault (1988), ao pensar sobre as

técnicas de si, por meio da qual, os indivíduos da contemporaneidade relatam sobre si mesmos a todo instante, muitas vezes confidenciando questões íntimas para um público desconhecido.

Nesse oceano virtual, inúmeras são as redes sociais e *sites* de compartilhamento e interação social, entre os quais destacamos o *YouTube*, que surge com a proposta de ser uma plataforma de compartilhamento de vídeos, tornando-se em pouco tempo um espaço no qual os sujeitos passam a produzir seu próprio conteúdo. Produção que varia desde vídeos humorísticos, tutorias de moda, narrações de histórias e jogos, até vídeos intimistas e confessionais, classificados em grande parte como *vlogs*, nos quais surge o fenômeno das narrativas em formato de diários pessoais (SIBILIA, 2008), designadas aqui como relatos de si (BUTLER, 2015).

No universo dos *youtubers*<sup>1</sup> e influenciadores digitais<sup>2</sup>, é possível observar um crescente protagonismo da mulher negra, que mais do que produzir conteúdo e conquistar seguidores desenvolve um papel importante de representatividade para as meninas e mulheres que por muito tempo não se reconheceram nos produtos e programas vendidos pela mídia tradicional e corporativa. Isso contribui diretamente para a visibilidade das pautas das mulheres negras que possuem experiências, vivências e necessidades próprias de sua construção histórica e social, sobretudo, em um país marcadamente racista e machista como o Brasil.

Frente a esses apontamentos, o presente texto tem como objetivo analisar os tensionamentos e as disputadas de verdades que perpassam o processo de constituição das *youtubers* negras como sujeitos. Para tanto, a materialidade escolhida constitui um vídeo intitulado, “Sobre ser negra” (duração de 8min23s), produzido e compartilhado pelo canal da influenciadora digital Rayza Nicácio, que recebe seu próprio nome<sup>3</sup>. O vídeo trata sobre o processo da *youtuber* em se perceber e se assumir como mulher negra em uma cultura que nega ao máximo a negritude, classificando com diferentes nomenclaturas as diversas tonalidades de pele, o que por si só já evidencia os múltiplos sentidos construídos em torno do que é ser negra no Brasil. Um aspecto interessante é que, ao mesmo tempo em que o vídeo exibe um relato de si em tom de confissão, também evidencia questões pontuais sobre racismo, autoaceitação e outras questões que perpassam a vivência das mulheres negras, sobretudo, das negras de pele clara que,

---

<sup>1</sup> Designação dada para quem trabalha com a produção e veiculação de vídeos na plataforma do *Youtube*.

<sup>2</sup> Considerados profissionais que trabalham com sua imagem nas diversas redes sociais *online*, influenciando os seguidores com seu estilo de vida e consumo.

<sup>3</sup> Tal proposta de trabalho surge como parte de nossa atual pesquisa de doutorado, em que nos propomos pensar os modos de subjetivação das mulheres negras *youtubers* que desenvolvem relatos de si na rede. O canal escolhido para este artigo, a nosso ver, é representativo do universo das *youtubers* negras do Brasil pois possui um número de inscritos que ultrapassa a marca de um milhão e meio, a *youtuber* também é uma influenciadora digital reconhecida e patrocinada por grandes marcas e veículos midiáticos e, o mais importante, relata sobre suas vivências como mulher negra na contemporaneidade explicando que nem sempre se enxergou assim, mas, somente depois de passar por um processo de constituição de si e reflexão, mediado em certo ponto pelo compartilhamento dos vídeos intimistas na rede e sua repercussão.

muitas vezes, encontram-se em um não lugar, por não se reconhecerem nem como negras e nem como brancas.

Parte-se aqui da compreensão de que os modos de subjetivação dão-se por meio da inscrição do sujeito em determinados regimes de verdade, ou seja, em locais em que este é atravessado por certos discursos que definem suas práticas (FOUCAULT, 2008), inserindo-o num processo dinâmico de objetivação e subjetivação. Tais regimes, pautados por complexas relações de saber-poder, não só incidem sobre os sujeitos de maneira a conduzi-los docilmente a determinadas formas de ser e estar, mas, pensando na perspectiva da ética foucaultiana, o sujeito pode ser compreendido como um “eu” ético em relação consigo mesmo, ou seja, reflexivo, “que se constrói, que se dá regras de existência e conduta” (GROS, 2008). O que significa dizer que o sujeito age sobre si mesmo na mesma medida em que permite a ação dos outros e dos discursos oficiais, seja refutando-os ou aceitando-os. A ética em Foucault (1985) está vinculada a um conhecimento de si que tem papel relevante para a constituição do sujeito, levando-o a desenvolver técnicas e tecnologias de si, as quais o inserem na lógica do cuidado de si (FOUCAULT, 1985).

Tomar as *youtubers* negras como representantes de uma classe de subjetividades contemporâneas ocorre a partir de uma necessidade de analisar o campo sócio-histórico como descontínuo e mutável que, portanto, permite o surgimento de novas e diferentes tecnologias de si ao longo dos tempos (FOUCAULT, 1985). Assim, “os modos de subjetivação são demarcados por dispositivos historicamente constituídos e, portanto, podem se desfazer, transformando-se, à medida que novas práticas de subjetivação se engendram” (CARDOSO, 2005, p. 7). O que nos leva a perceber que, “o *Youtube* como plataforma e a cultura participativa como *ethos* inspiram uma nova espécie de subjetividade que transforma todos os consumidores em autores potenciais” (BURGESS; GRENN, 2009, p. 152).

Procura-se, assim, realizar uma articulação entre os postulados foucaultianos e os estudos étnico-raciais de maneira a posicionar o campo da negritude na grade de inteligibilidade da governamentalidade, com o intuito maior de perceber as formas de governo de si e conseqüentemente os modos de constituição do sujeito mulher negra na contemporaneidade, percebendo a produção, condução e mobilização dos discursos que a atravessam.

Para tanto, o presente artigo está dividido em duas partes, além desta introdução: a primeira, dividida em dois subtópicos, o primeiro deles procura apresentar o percurso teórico-metodológico, além de uma discussão acerca das questões étnico-raciais sob uma ótica interseccional, problematizando as relações de poder que nelas e por elas se estabelecem e, acabam por incidir num processo de constituição ética do sujeito, levando-o a desenvolver técnicas de si por meio de um governo de si. Em seguida, no segundo subtópico, tem-se a análise do vídeo no cotejo com a discussão teórica realizada no tópico

anterior. Por fim, a segunda parte assinala as considerações finais que tecem um efeito conclusivo para as reflexões aqui suscitadas.

## **2 DISCUSSÃO TEÓRICA: NOS RASTROS FOUCAULTIANOS AS ARTICULAÇÕES ENTRE GOVERNAMENTALIDADE, TÉCNICAS DE SI E INTERSECCIONALIDADE**

Ao nos propormos pensar os modos de subjetivação das *youtubers* negras por meio de suas confissões e relatos de si na rede, somos necessariamente levados a perceber e problematizar as relações de saber-poder que permitem a irrupção desses e não de outros enunciados no dado momento, tendo em vista que como postula Foucault (1985), ao mesmo tempo em que, “o sujeito é colocado em relações de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1985, p. 232), poder este compreendido como uma força que permeia as relações sociais bem como, as práticas discursivas. Parte-se, pois, da percepção de que o sujeito é discursivamente constituído em meio a regimes de verdade e jogos de poder, através dos quais ocupa posições estratégicas.

O discurso, para Foucault (2008), é composto por um conjunto de enunciados que não só designa as coisas, mas as produzem, sendo tido como práticas que,

formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2008, p.55).

O discurso, como visto, vai além de um mero conjunto de signos que designam coisas, se apresentando bem mais, como práticas que criam essas coisas. Caminhado o conceito de discurso, Foucault (2008) se dedica a pensar na questão do enunciado e da função enunciativa, a partir da ideia de uma unidade elementar do discurso, no entanto, sem ser uma estrutura, enunciação ou mesmo uma frase, e sim, “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis” (FOUCAULT, 2008, p. 98), dessa forma, “quis definir as posições e funções que o sujeito podia ocupar na diversidade dos discursos” (FOUCAULT, 2008, p.225).

As formações discursivas, por sua vez, constituem-se em sentido estrito, por conjuntos de performances verbais que estão ligados no nível dos enunciados, possuidores de semelhante sistema de dispersão e por assim dizer, regularidades que as constituem (FOUCAULT, 2008).

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem,

correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, 2008, p. 43).

As formações discursivas determinam, pois, uma regularidade própria de processos temporais, se apresentando como demarcadores das regiões do sentido. “Coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos” (FOUCAULT, 2008, p. 84), tratando-se, assim, de um esquema de correspondência entre diferentes séries temporais, estando ligadas as condições históricas pelas quais transitam. O discurso que nos propomos analisar aqui faz parte de uma formação discursiva que abarca as questões étnicas raciais e de gênero vivenciadas no Brasil, sobretudo as que englobam as vivências das mulheres negras. Vale ressaltar ainda que, de acordo com Foucault (2008), as formações discursivas são móveis, o que significa dizer que não são definitivas e podem transformar-se.

Por práticas discursivas, pode-se compreender “regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p.133), ou seja, seriam as práticas discursivas diferentes formações de saberes articulados. De forma que, “toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2008, p. 205), estando o sujeito situado em meio a esses saberes.

Faz-se importante elucidar que ao mesmo tempo em que alguns saberes emergem e conquistam *status* de verdade outros são negados (FOUCAULT, 2008; 1979), o que ocorre devido às complexas relações de poder que atravessam os discursos. O poder é, pois, pensado por Foucault (2010, p. 243), a partir de relações e, “aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação”. Assim, embora o exercício do poder possa coagir, induzir e incitar os indivíduos, ele será sempre uma maneira de agir sobre os sujeitos ativos e livres, se colocando não somente como uma força negativa e opressora, mas, que também opera produzindo e engendrando saberes.

Tais relações de poder perpassam os discursos e os modos de subjetivação, bem como a produção dos discursos de si para consigo, os quais incidem diretamente sobre o desenvolvimento de técnicas de si que podem resultar numa constituição ética de si, o que será discutido no próximo tópico.

Sobre o processo de subjetivação, Foucault (2010) aponta três principais modos pelos quais os indivíduos tornaram-se sujeitos em nossa cultura ocidental. O primeiro seria o modo de investigação responsável por objetivar o discurso e as ações do sujeito, tentando dessa forma atingir *status* de ciência;

o segundo diz respeito às “práticas provisórias” que objetivariam o sujeito a partir do seu lugar social e de suas relações com os outros; e por fim, o terceiro seria o do domínio da sexualidade, em que “os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de sua sexualidade” (FOUCAULT, 2010, p. 231-232).

O termo sujeito é tido por Foucault (2010), de duas principais maneiras, a primeira como sujeito a alguém pelo controle e dependência, e a segunda, preso a sua própria identidade por uma consciência ou autocontrole. Estando ambas as perspectivas sugerindo uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a algo ou alguém. Nos enunciados presentes em nossa materialidade discursiva, poderá ser observada a transição pela qual Rayza passa entre esse sujeitar-se aos outros e tornar-se sujeito de si mesma, desenvolvendo para tanto, cuidados e técnicas de si, as quais a nosso ver estão ligadas a questão das confissões no ambiente *online* do *youtuber*.

A primeira vez que Foucault trabalha com o termo governo é no curso *Os Anormais* em 1974, no qual afirma que a era clássica teria criado uma “arte de governar”, no sentido de que passa a desenvolver um governo dos loucos, dos delinquentes, das crianças e dos pobres, procurando conduzir suas práticas e condutas (FOUCAULT, 2001). O interesse do autor centra-se em perceber as continuidades e, principalmente, as discontinuidades dessas artes de governar, que se dão por meio de diferentes técnicas e modalidades de governo. Assim, percorre o campo da governamentalidade, indo do estudo do governo dos outros para o governo de si. Por governo dos outros, dedica-se a pensar o governo pastoral que tinha como intuito conduzir almas; o governo baseado na razão do estado, que se detém na questão da disciplina e os governos liberais e neoliberais dos séculos XVIII, XIX e XX (OLIVEIRA, 2009, p. 19). Já ao pensar o governo de si, discute o desenvolvimento de técnicas voltadas para um cuidado de si com vistas no autocontrole e moderação, o que pode ser observado na História da Sexualidade e em alguns cursos da década de 1980, em que seu foco caminha da perspectiva política para a ética, sem, no entanto, esquecer ou trocar a primeira pela última (OLIVEIRA, 2009).

A noção de governamentalidade, de acordo com Candiottto (2011), permite um deslocamento estratégico no interior da analítica do poder, uma vez que, estabeleceria um vínculo entre as técnicas de si e as tecnologias de dominação. Esse neologismo de Foucault explica o plano de fundo dos seus estudos sobre a racionalização do poder, que vão desde a Grécia antiga até o liberalismo moderno (OLIVEIRA, 2009). O termo é definido a partir de três principais ideias, que são,

[...] o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica, bem complexa, de poder, que tem como alvo principal a população, como forma mais importante de saber, a economia política, como instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade”, entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não cessou de conduzir, e há muitíssimo tempo, em direção

à preeminência desse tipo de saber que pode chamar de “governo” sobre todos os outros: soberania, disciplina. Isto, por um lado, levou ao desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo e, por outro, ao desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, acho que se deveria entender o processo, ou melhor, o resultado do processo pelo qual o Estado de Justiça da Idade Média, tornando nos séculos XV e XVI Estado administrativo, encontrou-se, pouco a pouco, “governamentalizado” (FOUCAULT, 2001, p. 303).

Dito de maneira simplificada, a questão da governamentalidade, “refere-se a regimes específicos de governo, às formas pelas quais governamos e somos governados, bem como à relação entre o governo do Estado, dos outros e de si mesmo” (BAMPI, 2002, p. 128). Foucault (2008) acredita que vivemos na era da governamentalidade, que é ao mesmo tempo interior e exterior ao Estado, sendo a governamentalização deste um fenômeno particularmente tortuoso, “já que são as táticas de governo que, a cada instante, permitem definir o que deve ser do âmbito do Estado e o que não deve, o que é público e o que é privado, o que é estatal e o que é não-estatal” (FOUCAULT, 2008, p. 145).

Na trajetória filosófica de Foucault que vai do final dos anos de 1970 ao início dos anos de 1980, o poder passa a ser problematizado com ênfase na questão do governo de si e dos outros, sendo este a partir de então o cerne de investigação do autor, o que pode ser observado desde seu texto, Governamentalidade, ministrado como aula no Collège de France. Assim, a principal problemática do autor passa a ser como os homens se governam, “por quem, até que ponto, com qual objetivo, com que método, etc.” (FOUCAULT, 2014, p. 278). Essa fase do pensamento foucaultiano teria como principal objetivo analisar as relações do sujeito consigo mesmo, e, portanto, o âmbito da ética.

A ética em Foucault (1985) é vinculada a um conhecimento de si que tem um papel relevante para a constituição do sujeito, passando assim, pelo o que o autor denomina de cuidado de si e práticas de si, questões retomadas da antiguidade greco-romana. É importante frisar que Foucault procura trabalhar com a questão da ética para além de um campo moral, na medida em que por moral se entenderia um “conjunto de valores e de regras de ação que são propostas aos indivíduos e aos grupos por meio de diferentes aparelhos prescritivos: essa moral engendra uma ‘moralidade de comportamentos’” (REVEL, 2005, p. 45), ao passo que a ética seria a maneira pela qual o sujeito se constitui diante de um determinado código moral.

Para pensar tal questão, Foucault (1985) recorre aos gregos e romanos retomando o termo “cuidado de si”, que sugere o voltar do sujeito para si mesmo com o intuito maior de um aprimoramento existencial, o que se configura como uma prática importante para a constituição do sujeito e de sua subjetividade. Esse termo é uma tradução da noção grega de *epiméleia heautou*, que designa a necessidade de ocupar-se consigo mesmo para refletir sobre suas ações. Nessa perspectiva, “o cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui

um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2006, p. 11). Esse cuidado de si acaba por levar ao desenvolvimento de “técnicas de si”, por meio das quais o sujeito vai se inserir num processo de subjetivação, em que passa a efetuar operações e reflexões sobre seu corpo, suas condutas, seus pensamentos e tudo mais que o engloba.

Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a *techne* tou biou sob as suas diferentes formas – se encontra dominada pelo princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. Mas é necessário precisar; a ideia segundo qual deve-se aplicar-se a si próprio, ocupar-se consigo mesmo (*heautou epimeleisthai*), é, de fato, um tema bem antigo na cultura grega. Ele apareceu bem cedo como um imperativo amplamente difundido (FOUCAULT, 1985, p. 49).

A “cultura de si” traduz basicamente a necessidade do indivíduo ocupar-se consigo mesmo, tendo cuidados com o corpo e a alma, para, assim, construir-se enquanto sujeito ético, de forma a estetizar sua existência por meio de um relacionamento intenso consigo próprio, o que não é necessariamente um movimento solitário, mas passa pela relação do sujeito com o outro, estando o trabalho de si para consigo ligado a comunicação com outrem (FOUCAULT, 1985). Nessa perspectiva, é que a prática da confissão se estabeleceria como uma das técnicas de si, em que ao se abrir para outro o sujeito estaria, ao mesmo tempo, refletindo sobre si mesmo e se apresentando enquanto tal, na medida em que, como postula Foucault (1988, p. 58), ao longo do tempo a confissão da verdade foi se inscrevendo no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder. O que a nosso ver deixa vestígios até hoje, embora o modo de confessar-se na contemporaneidade tenha sido reconfigurado e, no lugar das escolas da alma e do confessor cristão, o sujeito parece encontrar no ciberespaço um novo ambiente para se comunicar e se afirmar enquanto tal, compartilhando recorrentes relatos de si.

Ao tratar do cuidado de si, Foucault convida-nos a perceber como os modos de subjetivação passam por um trabalho de si sobre si mesmo, no qual os sujeitos se percebem agentes de suas subjetividades, seja entrando na lógica dos discursos dominantes e da sociedade normatizadora, através dos diversos mecanismos e dispositivos de poder, ou, resistindo a estes através da elaboração de técnicas de si e contracondutas, mas sempre por meio e em meio a relações de poder que constituem modos de governo. Pensar nessa problemática, voltando-se para a constituição das mulheres negras que produzem relatos de si no *YouTube*, leva-nos a refletir sobre as questões étnico- raciais que as envolvem. Nesse sentido, é importante elucubrar sobre o que Gadea (2013) define como sendo espaço da negritude,



assumir a negritude como “espaço” representa compreender, fundamentalmente, que toda e qualquer identificação racial tem a sua performance atravessada por movimentos de filiação e oscilação segundo os interesses práticos e as condições de que partem os grupos implicados numa relação racial, e social em geral. (GADEA, 2013, p. 23).

O espaço da negritude abrange os tensionamentos que perpassam as relações étnico-raciais, como o preconceito e as lutas antirracistas, as políticas públicas e as narrativas pessoais dos negros e negras. É nele e por ele que se dão as múltiplas relações de poder e modos de constituir-se negra, o que nos leva a atentar para o regime de verdade produzido a respeito dos sujeitos negros em nosso país. Entendendo por regime de verdade, “aquilo que constrange os indivíduos a um certo número de atos de verdade” (FOUCAULT, 2010b, p. 67), os quais indicam “um procedimento de manifestação da verdade e o sujeito pode ser agente ativo graças ao qual a verdade emerge” (FOUCAULT, 2010b, p. 65).

O racismo patriarcal discutido por Werneck (2010) parece-nos uma realidade que atinge as mulheres negras de um modo geral, evidenciando a existência de duas linhas, “uma racial que separa rendimentos de negros/as e brancos/as”, e “uma outra que separa mulheres e homens de um mesmo grupo racial, estabelecendo desigualdades” (WENECK, 2010, p.6). De acordo com a autora, além do racismo patriarcal, inferiorizar a população negra também estabelece diferentes maneiras de subordinação que variam de acordo com o sexo dos sujeitos negros, afetando principalmente as mulheres. Para Nogueira (2007, p. 296), “a variação do preconceito varia em proporção direta aos traços negróides”. No caso da mulher negra, essa questão ocorre de modo particular, de acordo com o que veremos mais adiante.

Nessa perspectiva é que a questão da interseccionalidade apresenta-se como um conceito importante para se problematizar e compreender as experiências de opressão vivenciadas pelas mulheres, sobretudo, negras, uma vez que procura visibilizar as diferentes formas de desigualdades e privilégios, permitindo a elaboração de respostas e lutas de acordo com as vivências e necessidades de cada grupo (WERNECK, 2010). O conceito foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (1991) em 1989, a qual afirma que

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 1991 *Apud.* RIBEIRO, 2018, p. 123).

Aponta, assim, para a importância de se pensar os sistemas de opressão como indissociáveis, questão que se coloca como uma das bases para o estabelecimento do feminismo negro. O que Davis (2005; 1998) já apontava mesmo antes do conceito ser difundido, chamando a atenção para a necessidade

de pensar diferentes modos de feminilidade, além de denunciar o racismo dentro do próprio movimento feminista.

O feminismo negro começa a se consolidar no Brasil a partir de 1989 com o surgimento de organizações e alguns grupos de mulheres negras. Um dos principais nomes nesse momento é o de Gonzalez (1988), ao defender que o racismo se estabelece “como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava no modelo ariano de explicação” (GONZALEZ, 1988, p. 47). O que aponta para a invisibilidade da mulher negra dentro do próprio movimento feminista, criando a necessidade de um feminismo que pense em suas pautas.

Por não serem nem brancas nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca. Representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca se mesma. [...] mulheres negras, entretanto, não são nem brancas nem homens, e exercem a função de “outro” do outro (KILOMBA, 2012 *apud* RIBEIRO, 2018, p. 125).

Kilomba (2012) procura evidenciar que as mulheres negras possuem situações e necessidades diferentes e, portanto, modos próprios de se constituírem enquanto sujeitos, sendo muitas vezes o “outro” do outro. O que torna necessário que se leve em consideração as especificidades de suas vivências, na medida em que, “[...] o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 1999, p. 39).

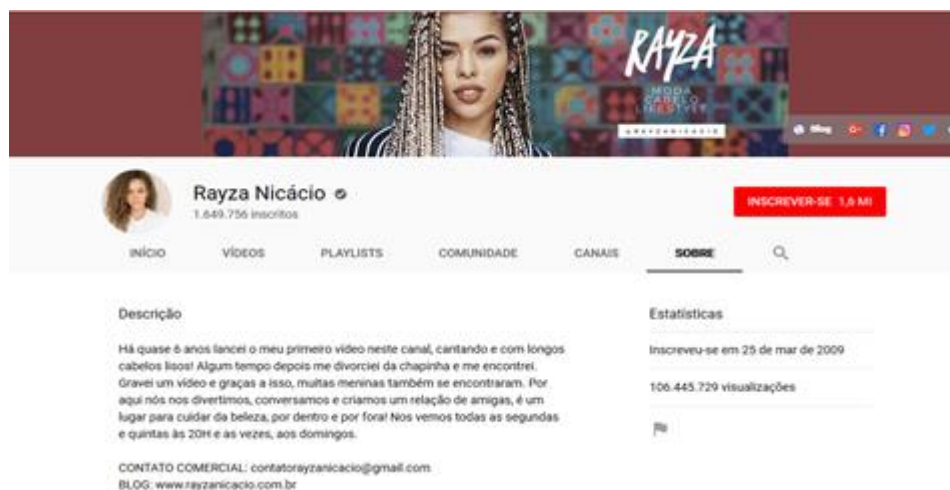
## 2.1 YOUTUBERS NEGRAS, TENSIONAMENTOS DE VERDADES NA CONSTITUIÇÃO DE SI

*Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio.  
(Djamila Ribeiro)*

O canal selecionado para a análise é o “Rayza Nicácio”, da influenciadora digital Rayza que possui atualmente mais de um milhão e quinhentos mil inscritos. O foco deste centra-se em questões relativas à moda, comportamento, beleza e viagens; no entanto, a influenciadora também fala sobre seu processo em se perceber como uma mulher negra por meio da sua relação com o cabelo e a beleza, incentivando o empoderamento das mulheres que a assistem. Uma parte considerável dos seus vídeos é produzida em formato de confissões e relatos de si, como se estivesse mantendo diálogos íntimos com amigas. O canal é atualizado duas vezes por semana e existe desde 2012. Tomamo-nos como um campo privilegiado no qual podemos observar como a mulher negra da contemporaneidade relaciona-se consigo mesma e com os outros, produzindo-se sujeito.

A materialidade analisada é o vídeo “Sobre ser negra”, publicado em 26 de junho de 2017, com mais de 365 mil visualizações. Este trata sobre o percurso da *youtuber* em se reconhecer como uma mulher negra, uma vez que, como explica Rayza, por ter a pele clara, uma família bastante miscigenada e pouco diálogo sobre questões raciais, por muito tempo não se reconheceu como negra embora soubesse que não era branca. O que é uma produção bastante significativa, sobretudo, para a realidade brasileira em que a miscigenação possibilitou uma vasta diversidade de cores e características raciais, em grande medida, devido ao racismo velado e estrutural abordado por Wiewiorka (2007) através do novo racismo ou neo-racismo, acabou por dificultar a compreensão acerca do pertencimento à identidade negra.

Figura 1 – *Layout* do canal Rayza Nicácio



Fonte: *Youtube* (2018)

Na figura 1, observamos o *layout* do canal no *YouTube*, capturado em dezembro de 2018, em que Rayza aparece centralizada usando *dreads* no cabelo, um penteado característico da cultura negra que se popularizou com o movimento rastafari<sup>4</sup>. Ao fundo, observa-se uma espécie de mosaico bem colorido com as bordas em tom avermelhado. Já a foto do perfil apresenta Rayza com seu cabelo crespo natural, o que teria sido, de acordo com a *youtuber*, a principal característica e questão que a fez se perceber como mulher negra, embora o tenha negado por muito tempo, alisando-o por um desejo de se encaixar aos padrões de beleza eurocêntricos impostos pela sociedade e divulgados pela mídia<sup>5</sup>.

Faz-se importante destacar tais detalhes, pois estes expressam desde já, o processo de aceitação e reconhecimento de si enquanto mulher negra que Rayza vivenciou, tendo em vista que o cabelo crespo

<sup>4</sup> Ver mais em: <http://www.rastafarispeaks.com/articles/history.html>. Acesso em: 17 dez. 2018.

<sup>5</sup> Convém destacar que a *youtuber* decidiu, em maio de 2019, alisar novamente os cabelos, o que nos faz pensar nas diversas estratégias que o sujeito pode lançar mão na constituição de si.

é ainda tido socialmente como “ruim” e estigmatizado, sendo uma das principais expressões do racismo em nossa sociedade. O que nos leva a atentar para o pensamento de Souza (1990, p. 77), que se dá a partir da concepção de que ser negro no Brasil é tornar-se negro, ou seja, em um ambiente discriminatório como o nosso é preciso observar a construção dos sujeitos negros em um plano simbólico, dando destaque às crenças, linguagens, rituais e estéticas próprias desse povo. Assim, a nosso ver, manter o cabelo crespo natural se coloca também não apenas como uma questão estética, mas como um ato de resistência que o transforma em símbolo de orgulho e afirmação étnica-racial. Por outro lado, essa questão não constitui nenhum tipo de obrigatoriedade, mas uma possibilidade para a construção do sujeito.

O primeiro excerto inicia-se com uma estrutura de relato recorrente no canal, em que a *youtuber* fala de maneira coloquial e próxima dos seus seguidores, como se estes a conhecessem e já possuíssem certa intimidade, confessando assim suas experiências e vivências pessoais. O tema e a forma como este é discursivizado parece ter o objetivo de sensibilizar os que a acompanham.

#### Trecho 01 (1:56 – 2:34)

Até eu me tornar *youtuber*, até eu postar meus primeiros vídeos aqui no canal e gerar polêmiquinhas no *facebook* e receber dms em inbox brigando comigo e me questionando e coagindo para não me reconhecer, **“você não é negra, eu não aceito que você seja negra”**. **Antes de tudo isso acontecer eu não pensava sobre isso**, eu só sabia que eu odiava meu cabelo e eu sabia que a Thais Araújo é uma mulher negra que eu achava linda e maravilhosa, eu sabia que a Beyonce era como mulher negra que achava linda e maravilhosa, **mas pra mim, eu não olhava como mulher negra e também sabia que não era uma mulher branca**. Tipo morena, parda. Era como as pessoas me definiam e eu aceitava, acatava... (Trecho retirado do vídeo, grifos nossos).

No excerto 01, é possível perceber de maneira notadamente marcada as relações de poder que se estabeleceram e mediaram o processo de reconhecimento da *youtuber* como mulher negra, bem como o espaço político e de resistência que passa a ser o seu canal. Na medida em que, de acordo com Rayza, foi somente depois de se tornar *youtuber* e manter esse diálogo com seus seguidores que passou a pensar e problematizar sua identidade étnica-racial. O que nos remete a concepção foucaultiana de poder que pensa o exercício deste através da relação entre os sujeitos, no entanto, não uma simples relação, mas, uma forma de ação de alguns sobre outros, na medida em que, o poder só existe em ato, mesmo que se inscreva num campo esparso que se apoia sobre estruturas permanentes (FOUCAULT, 2010, p. 242).

Uma relação de poder define-se por um modo de ação que age sobre sua própria ação e não diretamente sobre os outros, sendo necessário que aquele sobre quem se exerce o poder, seja reconhecido como sujeito da ação, fazendo parte desta de maneira livre (FOUCAULT, 2010), o que acontece com

Rayza, principalmente antes de se perceber e se autodeclarar como uma mulher negra, como fica evidente no seguinte trecho, “era como as pessoas me definiam e eu aceitava, acatava”. Por não se perceber um sujeito detentora de uma etnia e não manter um processo de reflexão consigo mesma, ou seja, técnicas de si, a *youtuber* acabava aceitando as nomenclaturas e definições que os outros, seus seguidores, lhes atribuíam, permitindo assim que estes detivessem uma ação condicionante e talvez até normalizadora sobre sua subjetividade.

Quando Rayza diz, “[...] mas para mim, eu não olhava como mulher negra e também sabia que não era uma mulher branca”, seu enunciado nos remete à falta de conscientização acerca da sua negritude, o que se dá em grande medida devido aos discursos racistas reproduzidos desde a colonização do Brasil, que ressoam até hoje das mais diversas formas e por vezes colocam o branco como único modelo de identificação e possibilidade de tornar-se gente (SOUZA, 1990). Isso leva a uma contínua negação da afrodescendência, de maneira que quanto mais claro o sujeito, mais a sociedade tenta negar a sua identidade étnica-racial, ainda que possua características notadamente negras. Nessa perspectiva, Gadea (2013) chama a atenção para a importância de se assumir a negritude como um “espaço”, o que significa compreender, “que toda e qualquer identificação racial tem a sua performance atravessada por movimentos de filiação e oscilação segundo os interesses práticos e as condições de que partem os grupos implicados numa relação racial, e social em geral” (GADEA, 2013, p. 23.).

O enunciado da *youtuber* se dá em tom de confissão, embora esta seja reconfigurada de acordo com as características próprias do ambiente *online*, passando por mudanças consideráveis quanto à forma como se apresenta e atua. O antigo confessionário da igreja católica, bem como, a sala do médico, são trocados pelas telas de computadores, smartphones e *tablets*, e a figura do padre por milhares de olhos atentos e curiosos pelo segredo da vida privada. No entanto, a prática da confissão continua sendo compreendida como, “um ritual onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é também um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro” (FOUCAULT, 1988, p. 61), parceiro este que mais do que um simples interlocutor, pode ser considerado como uma instância que requer a confissão, avaliando-a e julgando-a. Como se observa no excerto 01, quando Rayza diz que recebia questionamentos e coerções dos seguidores quanto ao seu posicionamento e também falta de posicionamento sobre sua etnia. Questão que acabou por levá-la a refletir cada vez mais sobre si mesma e sua subjetividade, já que como explica Butler (2015, p. 87), “nossa ‘incoerência’ define o modo como somos constituídos na relacionalidade: implicados, obrigados, derivados, sustentados por um mundo social além de nós e anterior a nós”.

**Excerto 2** (5:20 – 6:04)

**Eu queria mais uma vez reafirmar a vocês que sim, eu sou uma mulher negra, eu não tenho a menor vergonha disso**, ou nunca tive o menor medo de me posicionar em relação a isso por autoconhecimento, eu tinha medo da reação das pessoas, principalmente dos militantes negros, que tem muitos que me odeiam... Mas por toda a minha história, por tudo que enfrentei, pelo meu tipo de cabelo, pelos meus pais também, por ter sim sofrido racismo, as vezes dentro da minha própria casa. **Eu sou uma pessoa negra, e ninguém pode tirar isso de mim, mesmo eu tendo a pele clara** (Trecho retirado do vídeo, grifos nossos).

No excerto acima, Rayza se afirma como mulher negra e explica que não fez isso antes pelo medo do que os outros, seus seguidores e mesmo alguns militantes dos movimentos negros poderiam falar, uma vez que ela tem o tom de pele mais claro que o comumente atribuído a pessoas negras em nosso país. Segue explicando que por toda sua história, pelas suas características físicas, como o cabelo, e por já ter sofrido racismo, agora sente a necessidade de se autoafirmar como negra de pele clara. Neste excerto, o que se faz visível é que Rayza por muito tempo não pôde existir nos moldes de uma mulher negra, e, portanto, não só não se percebia assim, mas também não refletia sobre si mesma nesse sentido, o que segundo a *youtuber*, não se dava por vergonha, mas por medo do julgamento dos outros, remetendo-nos à fala de Ribeiro (2018, p. 11), ao explicar que, “apesar do orgulho visível em meus olhos, sentia uma força agindo sobre mim que muitas vezes me impedia de falar ou existir plenamente em alguns espaços”. Essa força normalizadora que impõe comportamentos, padrões de beleza e até modos de existir pode ser traduzida na realidade da sociedade brasileira como o racismo (GADEA, 2013), que circunda os sujeitos de maneira sutil, inferiorizando os negros de pele escura que têm sua autoestima deslegitimada a todo instante, e, negando a identidade étnica-racial dos negros de pele clara, que passam a desenvolver uma “sensação de não pertencimento” (RIBEIRO, 2018) constante, responsável por calar não só suas vozes, mas, suas existências.

Assim, o racismo pode ser concebido, numa perspectiva foucaultiana, como “o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (FOUCAULT, 2005, p. 304) uma vez que, para o autor, o aparecimento das raças, a distinção, hierarquização e a qualificação de algumas como boas e outras como inferiores, acabou sendo uma maneira de fragmentar o campo biológico de que o poder se incumbiu, “uma maneira de defasar, no interior da população uns grupos em relação aos outros” (FOUCAULT, 2005, p. 304), o que ressoa hoje por todo o Ocidente. Percebe-se, pois, que a questão do racismo faz-se presente não só no enunciado da *youtuber*, mas em sua vivência de sujeito e, assim por diante, no seu processo de subjetivação.

No decorrer do vídeo, observando seus enunciados, pode-se perceber o processo pelo qual a *youtuber* passou para se enxergar enquanto mulher negra, ou seja, seu processo de subjetivação, que se dá

em grande medida por meio dos relatos de si no espaço do *youtuber*. Estes são atravessados por relações de saber-poder muito complexas que se manifestam, sobretudo, entre a *youtuber* e seus seguidores que parecem estar a todo momento regulando seus discursos e inquerindo seus atos, bem como, pelas experiências de preconceito e racismo vivenciadas por Rayza ao longo da vida. Também é possível observar que seus relatos são perpassados por regimes verdade que tentam objetivá-la, determinando o que é ou não ser negra e como se deve ser negra, os mesmos regimes que a fizeram por muito tempo negar sua negritude tentando se embranquecer ao máximo, como por exemplo, alisando os cabelos. Porém, o novo alisamento de Rayza, conforme destacamos anteriormente, não faz com que esse sujeito tente denegar sua imagem anterior, mas, antes, configura-se como uma das diversas estratégias a partir dos quais o sujeito pode executar na constituição de si, mostrando, portanto, sua multiplicidade e dispersão.

Compreendendo esses regimes como, “aquilo que constrange os indivíduos a um certo número de atos de verdade”, sendo um ato de verdade, “um procedimento de manifestação da verdade e o sujeito pode ser agente ativo graças ao qual a verdade emerge” (FOUCAULT, 2010b, p. 65). Parte-se aqui, pois, da percepção de que a confissão ainda hoje permanece como a matriz que rege a produção da verdade, sobretudo em torno desses discursos interseccionais (RIBEIRO, 2018) que tratam da constituição de si por meio das relações de gênero e raça e das opressões vivenciadas. Nesse ritual que são as confissões *online*, “a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe salvação” (FOUCAULT, 1988, p. 61).

### Excerto 3 (6:43 -7:49)

**Agora comenta aqui em baixo como você se vê, como você se enxerga. Se você por muito tempo foi como eu, que não pensava sobre isso, só ia vivendo a vida e sofrendo racismo sem saber.** Ou se você sempre teve essa consciência dentro de casa, sua mãe sempre te mostrou quem você era, de onde você veio e que você terá mais dificuldades que as outras pessoas brancas pra “vencer na vida”... **Sabe quando eu percebo que eu sou mais negra? Quando eu tô em ambientes de rico, quanto mais rico mais preta eu fico, é muito louco.** Um exemplo que eu dei no *stories* foi no prêmio Glamour, que eu me posicionei e meu discurso foi: **“espero que ano que vem tenham outras mulheres, outras meninas, outros homens, outras pessoas negras que eu pareça com eles e eles estejam aqui juto comigo”**. Houveram aplausos tímidos e olhares desse tamanho, mas também houveram pessoas que me apoiaram muito e gostaram muito do que eu falei sabe (Trechos retirados do vídeo, grifos nossos).

Esse movimento de perceber-se, aceitar-se e afirmar-se como mulher negra, presente na materialidade analisada, é produzido pelos modos de subjetivação que incidiram sobre a *youtuber* em suas

relações com os outros e consigo mesma, as quais, como já dito aqui, são atravessadas por relações de saber e poder, bem como, por modos de governamentalidade. Pensar o conceito de governamentalidade na perspectiva desta análise contribui para que seja possível visualizar as múltiplas relações de poder que se fazem presentes nos enunciados, produzindo subjetividades, seja da *youtuber* Rayza, seja dos seus seguidores, que também passam a ser interpelados a pensarem sobre si mesmos, como observamos no seguinte trecho: “Agora comenta aqui em baixo como você se vê, como você se enxerga. Se você por muito tempo foi como eu, que não pensava sobre isso, só ia vivendo a vida e sofrendo racismo sem saber” (Trecho retirado do vídeo). Assim, a governamentalidade pode ser entendida como, “o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (FOUCAULT, 1994, p. 785).

Neste excerto, percebe-se que além de compartilhar suas visões de mundo e seu novo modo de relacionar-se consigo mesma e com sua negritude, a *youtuber* convida seus seguidores a fazerem parte do seu universo. Assim, esse processo de tornar-se mulher negra se dá pela relação com os outros e pelo desenvolvimento de técnicas de si, produzidas pela matriz da experiência do ser mulher negra, uma vez que é tomando as relações de saber e poder que a atravessaram que Rayza passa a atuar sobre si mesma, governando sua vida. O que se faz visível quando esta diz que em discurso ao prêmio *Glamour* expressou seu desejo pela presença de mais mulheres e homens negros no ambiente.

A nosso ver, produzir-se como mulher negra no eixo da ética é ter a possibilidade de resistir ou não aos discursos e verdades oficiais, ocupando diferentes posições nos jogos de poder, bem como manter uma relação complexa e contínua consigo mesma, num processo contínuo de tensionamentos, negociações e disputas de verdades.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os enunciados presentes na materialidade analisada parecem compor uma matriz de experiência que articula os três principais eixos problematizados por Foucault (2010b), que são o da formação dos saberes, da normatividade dos comportamentos e controle dos corpos, e da constituição ética do sujeito. A partir da articulação de tais eixos e com ênfase nos modos de subjetivação por meio das relações étnico-raciais, o presente artigo procurou discorrer sobre os tensionamentos, negociações e disputas de verdades presentes no processo de constituição das *youtubers* negras enquanto tais, tendo como materialidade selecionada o vídeo “Sobre ser negra”, da *youtuber* Rayza Nicácio.

Fez-se visível em nossa análise que as relações de poder e os regimes de verdade perpassam de maneira contínua e complexa a relação da *youtuber* com seus seguidores, na medida em que Rayza é



convocada a se pronunciar quanto a sua identidade étnica racial, seja negando-a ou afirmando-a. Tais jogos de poder acabam por levar a *youtuber* a percorrer um caminho de autodescoberta e de relação consigo mesma, inserindo-a no campo da sua própria negritude, até então invisibilizada. Também se observou que seus relatos são perpassados por regimes de verdade que tentam objetivá-la, determinando o que é ou não ser negra, o que por muito tempo a levou a negar sua negritude, uma vez que em nosso país, quanto mais claro o sujeito mais se tenta embranquecê-lo na tentativa de negar sua herança étnica-racial.

Percebeu-se, pois, que a identidade negra é continuamente atravessada por uma força normalizadora que tenta impor comportamentos, estéticas e até mesmo modos de existir. Questões que em nossa sociedade estão diretamente ligadas ao racismo estrutural que circunda os sujeitos de maneira sutil, inferiorizando a identidade negra de maneira a tentar impedir a existência desses sujeitos das mais variadas formas (GADEA, 2013).

Nessa perspectiva, o canal de Rayza acaba por se estabelecer como um espaço de resistência e constituição ética de si, na medida em que seus relatos constituem uma técnica de si. Já que é por meio do canal e da interação com os inscritos que a *youtuber* passa a se perceber mulher negra, bem como, problematizar seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017) relatando suas vivências em tom de confissão.

Frente a tais questões, pode-se chegar ao entendimento de que os sujeitos contemporâneos, sobretudo, o sujeito mulher negra *youtuber* constitui-se enquanto tal inserida numa teia de relações de poder e modos de governo que não apenas normatizam e disciplinam, mas produzem saberes e modos de ser e agir sobre si mesma, fazendo das confissões na rede uma técnica de si.

#### 4 REFERÊNCIAS

BAMPI, Lisete. Governo, Subjetivação e Resistência em Foucault. *Revista: Educação e Realidade*, 27 (1): 127-150, jan./jun., 2002.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CANDIOTTO, Cesar. Cuidado da vida e cuidado de si: sobre a individualização biopolítica contemporânea. In: *Dissertatio*. n. 34, 2011.

CARDOSO, Hélio Rabelo Jr. *Para que serve uma subjetividade?* Foucault, Tempo e Corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18 (3), pp. 229-000.

DAVIS, Angela Y. *Blues legacies and Black feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday*. New York: Vintage Books, 1998.

DAVIS, Angela Y. *Mujeres, raza y clase*. Madrid: Akal, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A governamentalidade*. In: Ditos e escritos, v. IV – Estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert I, e RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. 2. ed., ver. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). Tradução, transcrição, notas e apresentação de Nildo Avelino. São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé, 2010b.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, - 7ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo; Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*: curso no Collège de France. Tradução: Eduardo Brandão. - São Paulo: Martins Fonseca, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7º ed. Trad. Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, 13. Ed.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, revisão técnica de José Augusto Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GADEA, Carlos A. *Negritude e pós-africanidade: crítica das relações raciais contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92-3, pp. 69-82, jan./jun. 1988.

GROS, Frédéric. O Cuidado de Si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth (Org.); VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Figuras de Foucault*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

OLIVEIRA, Sônia Regina Martins. *Governamentalidade e constituição do sujeito em Foucault*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto sensu em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito social de origem, *Tempo Social*, São Paulo, v.19, n.1, p. 287-308, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

REVEL, Juditn. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. 1º ed. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

WERNECK, Jurema. *Políticas Públicas para as Mulheres Negras*. Passo a Passo: Defesa, monitoramento e avaliação de políticas públicas. CRIOLA e Fundação Heinrich Böll Stiftung, 2010.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo, uma introdução*. Tradução de Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2007.

***Title***

Light fur black woman or dark fur white woman? Tensions, negotiations and disputes of truths in the constitution of black youtuber.

***Abstract***

The present work aims to analyze the tensions and the real disputes that go through the process of constitution of the black youtubers, having as materiality selected the video "On being black", of the channel Rayza Nicácio, that will be analyzed from the theoretical-methodological perspective of the Discourse Analysis of the French line, more precisely of the Foucaultian postulates. To do so, we seek to articulate Foucauldian studies and ethnic-racial studies, positioning the field of negritude in the intelligibility grid of governmentality, with the greater aim of perceiving the forms of self-government and the modes of subjectivation of black women contemporary, verifying the production and mobilization of the speeches that cross it within youtube. This shows a recurrent racism that affects the black woman and her body, through an attempt to whiten it to the maximum extent possible, denying and sometimes invisibilizing the main constituent aspects of blackness, issues that occur through and through. in the midst of complex relations of knowing-power.

***Keywords***

Self-reports; Modes of subjectivation; Governmentality; Black Youtuber.

---

Recebido em: 06/09/2019.

Aceito em: 06/03/2020.